

CINCO SENTIDOS

ROLDÃO, Mariana (Engenheira do Ambiente) – marianaroldaocruz@sapo.pt; GONÇALO, Eugénia (Ecoteca de Macedo de Cavaleiros) – ecoteca_macedo@yahoo.com; MARTINS, João (Escola Superior de Educação Instituto Piaget) – João_smartins@hotmail.com; SILVA, Ana Cristina (Engenheira do Ambiente) – cris.ana.silva@gmail.com; TEIGA, Céu – (Médica) – teiga.ceu@clix.pt

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Crianças; Sentidos; Educação; Emoção; Sorrisos

... Vamos rir, chorar e aprender.

Aprender especialmente como casar Céu e Terra, vale dizer, como combinar o cotidiano com o surpreendente, a imanência opaca dos dias com a transcendência radiosa do espírito, a vida na plena liberdade com a morte simbolizada como um unir-se de ancestrais, a felicidade discreta nesse mundo com a grande promessa na eternidade.

E, ao final, teremos descoberto mil razões para viver mais e melhor, todos juntos, como uma grande família, na mesma Aldeia Comum, generosa e bela, o Planeta Terra.

«Leonardo Boff»

A Educação Ambiental como prioridade de acção

(pontos de reflexão)

A cultura ocidental dominante caracteriza-se por ser uma cultura essencialmente antropocêntrica e que se manifesta numa consciência ecológica focada no Homem, expressa na protecção da Terra, visando o seu bem-estar económico.

Nesta perspectiva, a natureza representa um valor de exploração de carácter económico, estético e lúdico, numa relação dominada pelo Homem. A exploração e rentabilização da natureza são tomadas numa visão economicista já que o Homem é visto sobretudo como homo economicus.

“ (...) ora, quaisquer que sejam as raízes histórico-culturais do antropocentrismo ocidental, é hoje inegável que a crise ecológica contemporânea é fruto dessa perspectiva utilitária que submeteu e explorou insaciavelmente a natureza, transformando-a num simples e duplo reservatório – de recursos, à entrada, e de resíduos à saída da actividade humana(...)” (Barbosa, João; "Senhores e possuidores da Natureza?"; revista "Fórum ambiente"; Nº65.).

Associada à globalização encontramos um mundo que tende a ser indiferenciado, do qual se destaca um desenraizamento do ser humano frente à cultura e ambiente. “ (...) a alienação resultante é não apenas adversa ao desenvolvimento de uma cidadania

ambiental participativa, como também um factor de desequilíbrio psicossomático para os cidadãos (...).” (Baptista, Cristina; "Cadernos de Educação Ambiental", N°30.). Neste contexto, a educação ambiental representa um papel fundamental na promoção da realidade e do desenvolvimento de princípios éticos, permitindo a construção de cidadãos civicamente conscientes e ambientalmente responsáveis.

É muito importante que se verifique uma desconstrução ética das próprias concepções de Homem, natureza, e as suas inter-relações, de forma a atingir-se uma realidade natural em equilíbrio.

Assim, o construir, o desconstruir e o reconstruir são sinónimos aceites na relação humana com a natureza envolvente, quer através de um processo individual, quer colectivo.

Embora o comportamento ambiental abranja uma associação de diferentes variáveis, como o conhecimento aprofundado dos temas, o investimento pessoal, o conhecimento e a capacidade de uso de estratégias de acção ambiental, para alguns autores como o caso de Volk, a variável sensibilidade ambiental é considerada a mais importante porque participa activamente na construção de uma cidadania responsável frente ao ambiente. Sensibilidade ambiental pode mesmo definir-se como uma predisposição para se ter interesse sobre as questões ambientais, agindo para conservar o ambiente e daí a necessidade de se iniciar uma aprendizagem desde muito cedo.

Na perspectiva de que todos somos Professores de nós mesmos e dos outros, emergem os novos professores. Todo aquele que assume o papel de Professor da vida e para a vida, deve representar uma conduta contínua e reflexiva nas suas práticas educativas, centrando-se numa consciencialização de valores e atitudes.

Algumas das estratégias básicas das práticas educativas que poderão funcionar como ponto de partida, baseiam-se no questionar relativo às relações inerentes entre Homem, natureza e sua inter-relação com o meio socio-cultural, como também a necessidade da sua preocupação com as questões ambientais. Deste tipo de acções, poderão advir pesquisas e reflexões capazes de desconstruir uma perspectiva antropocêntrica, moldando a nossa visão do mundo. Temos a capacidade, como ser vivo intelectualmente desenvolvido, de nos conhecermos, de nos compreendermos, de nos situarmos num tempo que de todas as formas atribui ao presente um sentido histórico e num espaço capaz de nos levar ao encontro de uma diversidade de perspectivas. Como diria João Barbosa, “ (...) contextualizar é consciencializar; consciencializar é clarificar (...)”.

Na perspectiva do Professor Ecológico, aprender é crescer interiormente através de um conjunto de ferramentas que criam a mudança construída com consciência. É fundamental que haja uma rejeição da visão tradicional do papel de Professor da Vida convencional, como mero transmissor de conhecimentos, devendo ser, sobretudo, um facilitador de aprendizagens. Através de uma pedagogia significativa, a estratégia deverá ser capaz de provocar nos receptores o desenvolvimento das vertentes cognitiva e emocional integradas numa apreensão global da realidade como ponto de partida.

Não fugindo ao fio de novo traçado, São Tomé surge como um potencial rico de emoções, de cheiros, cores e aprenderes, possibilitando o colocar no terreno, num público muito especial como as crianças, uma saber traduzido nos cinco sentidos. Transmitir e receber são aliados no apreender e aprender e descrevem cenários. As crianças surgem de recantos verdes e tons térreos...espreitam e ao ritmo da expressão: “leve, leve”, no sentido do saber viver feliz com o que se tem, o que se encontra e recolhe com a mão...aqueles que por si sentem com o olho, com todos os sentidos possíveis, relatam a sensação estranha “(...) como se só aqui pudéssemos reencontrar qualquer coisa perdida no fundo da nossa memória e das nossas raízes” (Miguel Sousa Tavares, Sul, 1999, pág.114).

A relevância da actividade desenvolvida, um atelier integralmente espontâneo, centrou-se numa abordagem baseada na emoção de agir e cativar, no respeito pela condição humana, pela diferença e diversidade e por tudo e por todos envolvidos, com o objectivo de então assim se conseguir introduzir uma linguagem ambiental. Como afirma Edgar Morin (2002, p. 25), a respeito da afectividade, “não há um estado superior da razão que domina a emoção (...) e de certa maneira a capacidade de emoção é indispensável para o estabelecimento de comportamentos racionais [só tendemos a respeitar uma “coisa” se a amarmos, e para amá-la é necessário admirá-la, e só podemos admirar aquilo que conhecemos, que visualizamos...]”.

Saint-Exupéry (1996) na sua obra *O Principezinho* explica de uma forma muito peculiar a importância de criar intimidade como meio de incutir o sentimento de responsabilidade, e da qual se transcreve o seguinte texto:

- Só se conhece aquilo com que se tem intimidade – comentou a raposa. – Os homens deixaram de ter tempo para conhecer seja o que for. Compram coisas feitas aos vendedores. (...) – Ao princípio sentas-te ali na erva, um pouco longe de mim. Espreitar-te-ei pelo canto do olho e tu nada dirás. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Depois dia a dia, vens sentar-te um bocadinho mais perto... O principezinho voltou no dia seguinte. – Era preferível teres vindo à mesma

hora – disse a raposa. (...) São precisos ritos. – Que é um rito? – perguntou o principezinho. (...) – É o que faz que um dia seja diferente dos outros dias, uma hora das outras horas. (...) – O tempo que gastas-te com a tua rosa é que a fez ser tão importante. (...) És sempre responsável pela tua rosa... – Sou responsável pela minha rosa... – repetiu o principezinho para depois se lembrar (p. 77 – 80).

Deste modo, na Roça de São João (dia 23 Julho) e Fundação da Criança (dia 28 Julho) os objectivos primeiros foram a interacção e integração da comunidade infantil local nos conceitos de biodiversidade (fauna e flora), preservação e conservação do meio ambiente, após apreensão e reconhecimento dos recursos existentes e sua contextualização futura na possibilidade de realização de acções locais com as crianças e respectivos monitores. Através de jogos estratégicos, do movimento corporal e das acções realizadas ao ar livre, o jogo foi o modelador de conduta e esqueleto das actividades.

O encontro de estratégias para a implementação das actividades procurou envolver algumas etapas fundamentais, fase a leitura e compreensão da paisagem, a decoração do espaço e a sociabilização intrínseca. Ler uma paisagem é mais do que a sua simples descrição, é preciso apreender os seus significados ocultos, só assim se pode compreendê-la e interpretá-la, o que pode constituir a metodologia de aprendizagem para a sua preservação. Assim, quando nas Portas do Sol de Santarém se lê o que Torga escreveu deixa-se de estar num sítio para se estar num lugar único. Com a decoração dos diferentes espaços pretende-se que as crianças promovam a descoberta e exploração do vasto património biológico e biofísico, quer numa perspectiva ambiental, cultural, lúdica e artística, sem qualquer prejuízo da integridade, contribuindo para a promoção e dinamização do local.

Myers, em 1997, sugeriu que não só é importante saber as experiências que cada indivíduo tem, mas também o significado que cada um constrói individualmente. Para a criança a apreensão significativa da realidade resulta da troca entre o seu meio interno (necessidades da criança, as suas capacidades, emoções e interesses) e a forma como capta o ambiente externo.

Não é apenas importante existirem experiências na natureza, mas experiências que sociabilizem as pessoas em formas positivas de a interpretar.

Numa comunidade sustentável é essencial que se encontre um entendimento comum, quer numa mistura de valores, como interesses, capacidades de actuação, quer conhecimentos e trocas de aprendizagens. A educação inerente na troca de experiências

deve dirigir-se à alteração de valores e comportamentos, não esquecendo que existem culturas próprias, valores e crenças de cada grupo, não esquecendo o teor individual dos elementos que caracterizam esse grupo.

Na interacção com as crianças procurou-se comunicar de uma forma inteligível, falando a sua linguagem, de igual para igual, sem a preocupação em transmitir determinado conceito como verdade única e não discutível, mas sim fazendo sentir as crianças a importância total e protagonista frente ao novo que se apresentava vindo do desconhecido e do longe.

É importante referir, que a terminologia e fundamentos que determinam a educação ambiental dentro de determinados princípios e regras, não se adequam de todo aplicáveis, sem que existisse uma preparação/estudo prévio, bem estruturado, e principalmente com objectivos bem definidos no conhecimento real do público-alvo, o que não se verificou até porque se esteve perante o que se pode chamar de Ateliers Espontâneos. Plenos da consciência real do que foi encontrado, aprender para então ensinar, pretendeu-se levar uma brisa de frescura aos locais visitados.

As crianças nestas ilhas insulares, assim como a população em geral, urgem que a educação ambiental seja implementada baseada no conceito saído do fórum global Cidadão do Rio 1992 e transcrito por Gonzalez Gaudiano (2006):

A educação ambiental deve tratar das questões ambientais críticas, as suas causas e inter-relações numa perspectiva sistémica no seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados com o desenvolvimento e o seu meio ambiente, como população, paz, direitos humanos, democracia, saúde, fome, degradação da flora e da fauna devem ser abordados desta maneira (p. 231).

A educação ambiental neste local específico, não pode ser apreendida, unicamente, como uma educação para o ambiente, que se debruce somente nos problemas de poluição e utilização dos recursos naturais, mas sim deverá ser abrangente e integrada na própria filosofia de vida, não distanciando a dimensão do homem e do seu meio.

Neste contexto, a educação artística desempenhou um papel importante na formação do ser, nomeadamente ao nível do desenvolvimento da auto-estima. A expressão artística pode constituir um meio privilegiado de comunicação para a mudança e reforma de mentalidades mexendo com os sentidos na interiorização e apreensão das terminologias e conceitos transmitidos.

As terminologias são diversas, como por ex.: Educação Sustentável; Educação para o Desenvolvimento Sustentável; Educação para o Ambiente; Educação para a

Conservação; Educação Ecológica; Educação para a Biodiversidade; Educação para a Cidadania; entre outras, sendo portanto importante associar o conceito a cada terminologia como forma de clarificação e, como considera Edgar Gonzalez Gaudiano, os conceitos servem para nos simplificar o processo na organização das nossas ideias, e afirma que “com os conceitos construímos a realidade que pensamos, como a representamos, como a delimitamos” (2006, p.213). Contudo há que ter em conta as palavras de Edgar Morin, “é preciso aceitar uma certa imprecisão e uma imprecisão certa, não apenas nos fenómenos, mas também nos conceitos” (Cangueiro, 2006, p. 27).

Maria Helena Cavaco (1992, p.15) cita Paulo Freire [não podemos esquecer a influência deste mestre nestas ilhas, a sua pedagogia numa educação para todos] e demonstra o seu acordo com a visão deste pedagogo no que respeita ao acto da aprendizagem e, da forte participação do meio social para a construção do próprio indivíduo, “aprendemos com os outros relacionando-nos com eles”. Realça a importância do contacto físico com o objecto, “aprendemos com as coisas manejando-as, utilizando-as, transformando-as, reconstruindo-as nas suas suas funções e formas” e evoca a curiosidade como motor de acção, “aprendemos com o mundo mantendo viva a curiosidade, questionando a realidade que nos rodeia” [a curiosidade como característica intrínseca na infância justifica a mais valia de trabalhar a educação ambiental nas idades juvenis]. Rachel Carson considera mesmo que o segredo está em incutir na criança um sentimento de encantamento que dure para toda a vida, que seja indestrutível... Ao contrário da alegria que as crianças São-Tomenses demonstram na simplicidade de gestos, no simples mexer do pé enquanto se dança, na reciprocidade de um sorriso, constatou-se uma felicidade genuína e muito mais difícil de ser anulada do que se fosse resultante da influência exacerbada dos bens materiais, que neste caso específico são grandemente escassos.

“ Se os factos são as sementes que mais tarde produzem conhecimento e sabedoria, nesse caso as emoções e as impressões dos sentidos são o solo fértil no qual haverão de crescer as sementes. (...) Uma vez que tenham sido despertadas as emoções (...), está despertado o desejo de conhecimento acerca do objecto da nossa resposta emocional. (...) É mais importante preparar o caminho para que a criança queira conhecer do que impingir-lhe factos que ela não está apta ainda a assimilar” (Bill Devall e George Sessions, 2004, p.19).

Gadotti cita Gutiérrez e Prado (2000, p. 46) “Aprender é muito mais que compreender e conceitualizar: é querer, partilhar, dar sentido, interpretar, expressar e viver. Os

sistemas educativos tradicionais privilegiariam a dimensão racional como a forma mais importante de conhecimento. A nova educação deve apoiar-se também em noutras formas de percepção e conhecimento, não menos válidas e produtivas” Gadotti defende mesmo que a intuição e a imaginação são outras formas de aprendizagem e esclarece que não se trata de opor a intuição à razão, mas sim de complementaridade e integração entre ambas.

Um facto constatado nomeadamente durante as visitas às roças foi a liberdade de movimento, de disponibilidade de tempo, de espaço para criação...em que as crianças se predispunham, se expunham em toque bonito de ver e sobretudo fundamental a preservar. Durante a realização do ‘Global Eco Forum’, a 7 de Outubro de 2008 em Barcelona, Francesco Tonucci, professor, artista e escritor, responsável pelo projecto internacional ‘La Città dei bambini’, aquando a sua comunicação, frisou a importância elevada de dar voz aos mais novos, e da necessidade que estes sentem em ser ouvidos. Na sua investigação, a qual incluiu determinadas questões que foram colocadas às crianças de países especificamente diferentes, inseridas num contexto urbano, uma das várias respostas, é o facto de ser referido que querem espaços para brincar, para usufruto conjunto entre crianças e adultos e não específicos para elas. Nesta era da tecnologia, a criança urbana e pertencente aos países desenvolvidos, enfrenta um novo sentimento: a solidão, e como afirma Francesco – esta é sozinha pois é privada do seu tempo de criança, e deixa o repto: como seria fazer valer a sua opinião sobre o que deseja fazer e como quer ser educada. As crianças em São Tomé e não obstante à enorme carência de muitos bens de necessidade básica, possuem uma alegria contagiante. Parafraseando Paulo Freire “Se a Educação sozinha não transforma a sociedade sem ela tão pouco a sociedade muda”.

Gadotti (2000) para responder à questão – “Mas por onde começar?” face à necessidade urgente de “reinventar o amanhã” [no acto inadiável de pensar globalmente no futuro próximo para actuar aqui e agora] cita Ruben Alves (1998), da seguinte forma: “O que está no início, o jardim ou o jardineiro? (...) É o segundo. Havendo um jardineiro, cedo ou tarde, um jardim aparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro” (p. 24 – 25). É nesta perspectiva que é essencial o exercício da educação, formação, comunicação, sociabilização de uma forma interactiva, dinâmica em contexto informal, aliado a um equilíbrio do que poderá ser o formalmente correcto em contextualização



espacial e geográfico do envolvente, havendo assim, espaço para ambos, o formal e informal, existindo somente vantagens na sua complementaridade. A educação de um povo, é uma das armas mais poderosas e o presente mais precioso que se pode oferecer a uma criança, a uma comunidade, a uma sociedade, ao Homem. A educação permite que o indivíduo seja a responsabilização correcta dos seus actos/attitudes, possibilita a tomada de decisões baseadas em teorias. Mas, como entende Bohm citado em Esteves (1998, p. 19) “Uma teoria é uma maneira de olhar o mundo e não uma forma de conhecimento do que é o mundo”. É neste contexto que se pode afirmar que não existe uma teoria única e indiscutível, como não existe um mundo, existem sim, vários, dependendo do sujeito que percepçiona, do modo como o percepçiona, o interpreta e o caracteriza, através de atitudes e respostas da acção humana. Como defendia Leopoldo, “Uma coisa é correcta quando tende para preservar a integridade, estabilidade e beleza da comunidade biótica. É errada quando tende para o resultado oposto” (Bill Devall e George Sessions, 2004, p.107). E citando um poema de Gery Snyder, “Esta terra viva fluindo/ é tudo o que existe, para sempre/ Nós somos ela/ ela canta através de nós – / Poderíamos viver nesta Terra/ sem roupas nem ferramentas” (ibidem, p.191).

Sabedoria, saberes, desencantos e desencontros que esta passagem pelo azul de mar, verde da folhagem e castanho da terra, proporcionou, apresenta como ponto de reflexão:

É possível por em prática projectos muito pouco ambiciosos e implementados por sabedorias do intuito sensível baseado no pé que pisa, no olho que vê, na mão que toca, no nariz capaz de sentir os cheiros, e no ouvido capaz de fazer dançar... implementado por uma equipa pluridisciplinar, mas coesa, em função de determinadas competências capazes de serem articuladas colectivamente e que mostrem que existem cinco sentidos. Hoje em Terras de São Tomé ficou em muitos e algures uma sementinha.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, António (2007). *Educação Ambiental – a importância da dimensão ética*. Lisboa: Livros Horizonte. ISBN 978-972-24-1507-1.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (2005). *Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos*. 2.^a ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. ISBN 85-87166-83-2.
- CAVACO, Maria Helena (1992). *A Educação Ambiental para o Desenvolvimento*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. ISBN 972-592-066-X.
- DEVALL, Bill; SESSIONS, George (2004). *Ecologia Profunda, Dar Prioridade à Natureza na Nossa Vida*. 3.^a ed. Santa Maria da Feira: Edições Sempre-em-Pé. ISBN 972-8870-01-9.

- ESTEVES, Lília Máximo (1998). *Da Teoria à Prática: Educação Ambiental com as Crianças Pequenas ou O Fio da História*. Porto: Porto Editora. ISBN 972-0-34455-5.
- EVANGELISTA, João (1999). *Educação Ambiental: uma via de leitura e compreensão*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. ISBN 972-8353-80-4.
- GADOTTI, Moacir (2000). *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis. ISBN 85-85663-44-8.
- GADOTTI, Moacir (2003). *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. Novo Hamburgo – Rio Grande do sul: Feevale, 2003. ISBN 85-86661-34-1.
- GAUDIANO, Edgar Gonzalez (2006). *Educação Ambiental*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-771-850-7/ 978-972-771-850-4.
- GIORDAN, André; SOUCHON, Christian (1997). *Uma Educação para o Ambiente*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional; Instituto de Promoção Ambiental. ISBN 972-8353-04-9.
- HUTCHISON, David (2000). *Educação Ecológica: ideias sobre consciência ambiental*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. ISBN 85-7307-585-6.
- OLIVEIRA, Luís Filipe (2005). *Educação Ambiental – Guia prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. 4.^a ed. Lisboa: Texto Editora. ISBN 972-47-0046-1.
- PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONI FOCESI, Maria Cecília (2005). *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Brasil: Manole. ISBN 85-204-2207-1.
- RAPOSO, Isabel (1997). *Não há Bichos-de-Sete-Cabeças*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. ISBN 972-8353-37-5.
- UZZELL, David [et al.] (1998). *As crianças como agentes de mudança ambiental*. Porto: Campo das Letras, 1998. ISBN 972-610-128-3.